



ORIENTE MÉDIO

Vingança em curso

Bombardeiros dos Estados Unidos atacam a Guarda Revolucionária Iraniana, a força de elite do regime de Teerã, e milícias xiitas no Iraque e na Síria. Ofensiva é resposta à morte de três soldados norte-americanos atingidos por drone na Jordânia

» RODRIGO CRAVEIRO

Os bombardeiros B-1 atacaram 85 posições de milícias xiitas pró-Irã e da Força Quds do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica no Iraque e na Síria, pouco depois de o presidente Joe Biden receber os corpos do sargento William Jerome Rivers, 46 anos; e dos reservistas Kennedy Ladon Sanders, 24; e Breonna Mofett, 23, na base aérea de Dover, em Delaware. O trio foi morto durante ataque com drone recheado de explosivos contra a base militar Torre 22, no nordeste da Jordânia, no último domingo. Na primeira onda de ataques americanos, os bombardeiros decolaram dos EUA e usaram 125 munições de precisão.

“As 16h (de ontem, zero hora de hoje em Bagdá, em Amã e em Damasco), forças do Comando Central dos EUA realizaram ataques aéreos no Iraque e na Síria contra a Força Quds do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica e milícias afiliadas. (...) As instalações que foram atingidas incluíam centros de operações de comando e controle; centros de inteligência; foguetes e mísseis; armazéns de drones; instalações de logística e cadeia de

fornecimento de munições”, afirmou o Centcom, em nota publicada na rede social X, o antigo Twitter.

A organização não-governamental Observatório Sírio de Direitos Humanos (ODSH) divulgou que “pelo menos 13 combatentes pró-iranianos morreram” somente no leste da Síria. Não ficou claro se soldados da Guarda Revolucionária Islâmica estão entre os mortos.

Por meio de um comunicado, Biden advertiu que os ataques em represália “vão continuar” e confirmou que a ofensiva de ontem ocorreu sob sua direção. “Nossa resposta começou hoje. Ela continuará no momento e nos locais que escolhermos”, assegurou. “Os Estados Unidos não buscam conflito no Oriente Médio ou em qualquer lugar do mundo. Mas que todos aqueles que possam tentar nos prejudicar saibam disto: se vocês fizerem mal a um americano, nós responderemos.” A Casa Branca informou que as ações militares foram “um sucesso” e que duraram 30 minutos.

Nos últimos dias, Biden esteve sob forte pressão dos republicanos e mesmo de alguns democratas para responder ao assassinato dos

Kevin Dietsch/Getty Images/AFP



Biden diante do caixão de Kennedy Sanders, morto no ataque à Jordânia, na Base Aérea de Dover, em Delaware

três soldados. “Hoje cedo, assisti ao digno regresso destes corajosos americanos à Base Aérea de Dover e falei com cada uma das suas famílias”, escreveu. Em ano eleitoral, especialistas alertam que a omissão do presidente poderia lhe custar votos, no momento em que enfrenta dificuldades na disputa com

o antecessor Donald Trump, que lidera as pesquisas. Os EUA escolherão o próximo titular da Casa Branca em 5 de novembro.

O ataque à Torre 22, no domingo passado, foi reivindicado pela Resistência Islâmica no Iraque — uma aliança de grupos armados associados ao Irã, que exige a

retirada das tropas norte-americanas do Iraque e rejeita o apoio a Israel em sua guerra na Faixa de Gaza contra o grupo extremista palestino Hamas. Uma resposta militar de Washington levantava o temor de uma escalada da tensão no Oriente Médio.

Michael Butler, professor de

Nossa resposta começou hoje. Ela continuará no momento e nos locais que escolhermos”

Joe Biden, presidente dos EUA

ciência política da Clark University (em Worcester, Massachusetts), explicou ao **Correio** que o escopo e a extensão dos ataques na Síria e no Iraque “vão muito além” das primeiras ofensivas contra os rebeldes separatistas huthis, no Iêmen, em outubro. “O nível de coordenação e o poder de fogo desta ofensiva são muito maiores, o que explica a demora de reação após o bombardeio à Torre 22. Eu suspeito que parte desse atraso também envolveu comunicações por canais secundários com o regime iraniano, como forma de evitar uma retaliação por parte de Teerã”, afirmou o norte-americano.

ARGENTINA

Câmara aprova megarreforma de Milei

Por 144 votos a favor e 109 contra, e depois de três dias de debates marcados por tensão dentro e fora do Congresso, a Câmara dos Deputados aprovou o texto-base da chamada “Lei Ônibus” — o projeto de lei prevê uma reestruturação econômica da Argentina, concessão de superpoderes ao presidente Javier Milei, privatização de empresas públicas e obtenção de dívida externa sem necessidade de aval do Legislativo, entre outras medidas.

A aprovação foi possível porque, além dos 38 votos da minoria governista da extrema-direita, o texto contou com o apoio de forças aliadas e opositoras de centro-direita. As negociações levaram à supressão ou à modificação de 260 dos mais de 600

artigos do texto original. Na próxima terça-feira, os deputados começarão a discutir pontos específicos do pacote.

“O pacote fiscal foi alterado. É uma vitória de Pirro para Milei. Um triunfo, porém, com muitas perdas”, assegurou ao **Correio** Miguel De Luca, professor de ciência política da Universidad de Buenos Aires. “A votação foi esperada: peronistas, kirchneristas e a esquerda trotskista se opuseram ao texto-base, enquanto a bancada de Milei e os partidos Proposta Republicana (PRO) e a União Cívica Radical (UCR) o avalizaram”, comentou.

O especialista destaca que muitos congressistas que votaram a favor do texto-base vão se abster ou se colocar contra alguns pontos. “Isso pode

comprometer parte da lei. Agora, o texto segue ao Senado, onde pode sofrer mais mudanças e retornar à apreciação da Câmara. Um cenário ruim para o governo” disse De Luca.

“Regime de terror”

Eduardo Belliboni, líder do movimento Polo Obrero e responsável pela organização de piquetes em Buenos Aires, protestava do lado de fora do Congresso, quando falou ao **Correio**, às 20h. “É claro que esse governo quer reprimir e entregar as riquezas nacionais. É claro que deseja instalar um regime de terror, ao reprimir aposentados. Mais de 20 jornalistas ficaram feridos somente durante a jornada de ontem”, desabafou.

Belliboni acusa Milei de impor um “regime econômico de entrega nacional e de repressão à população civil”. “Ele entrega as nossas riquezas nacionais e, para isso, reprime o povo”, disse. Pouco antes da entrevista à reportagem, ele escreveu na rede social X que o 2 de fevereiro de 2024 será reconhecido como o “dia da vergonha nacional”. “O Congresso acaba de votar a entrega de superpoderes a Milei. (...) Só nos resta lançar um plano de luta das centrais sindicais.”

O jornal argentino *Clarín* sublinhou que Milei viu-se obrigado a desistir das medidas fiscais da megarreforma e a reajustar o plano de privatizações. A Casa Rosada espera que a “Lei Ônibus” complete o trâmite legislativo até 15 de fevereiro.

Juan Mabromata/AFP



Vista geral do Congresso, após a votação das reformas ultraliberais

“O objetivo é apoiar o governo e o presidente para que tenha os instrumentos”, declarou Miguel Pichetto, líder de um grupo parlamentar misto crucial para obter a aprovação do texto-base. Belliboni não poupou o parlamentar e o chamou de “traidor”.

Pouco antes da votação, Milei publicou na rede social X um recado aos congressistas: “Vocês têm hoje a oportunidade de mostrar de que lado da história querem estar”. Ao fim da votação, Milei reagiu, na mesma plataforma: “Viva la libertad, carajo”. (RC)

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Quando um não quer, dois não brincam

Tocou ao presidente da França, Emmanuel Macron, tornar oficial aquilo que se esboçava inevitável já desde os últimos anos: a União Europeia joga a toalha e desiste de negociar com o Mercosul um acordo que estabeleceria a maior área de livre-comércio no mundo. A intervenção direta de Macron com a presidente da Comissão Europeia (CE, o Executivo da UE), Ursula von der Leyen, representou a pá de cal sobre um esforço diplomático desenvolvido, entre idas e vindas, ao longo de mais de duas décadas.

Em resumo, o obstáculo esgrimido pelo governante francês é aquele que frequentou as mesas de negociação desde o início do processo, ainda no mandato de FHC. Maior produtor e exportador de produtos agrícolas da UE, a França é atualmente o epicentro de uma revolta que se espalhou pelas principais cidades do continente. Agricultores enfurecidos com a alta dos custos — inclusive

combustíveis e fertilizantes — bloquearam estradas e avenidas. O fim das negociações com o bloco sul-americano é uma das palavras de ordem dos manifestantes.

Pelo lado de cá, também não faltavam queixas contra a última forma dada pela UE ao texto assinado entres as partes em 2020. Igualmente, pesava a objeção escancarada do novo presidente argentino, Javier Milei. Ainda assim, o presidente Lula tomou posse elencando o acordo com a Europa entre suas prioridades na frente externa — e empenhou nas negociações o peso de sua diplomacia presidencial.

Afinal, prevaleceu a sabedoria tradicional, parafraseada: para sair a brincadeira, é preciso juntar a vontade de dois.

Sem clima

O foco das repetidas incursões do presidente brasileiro, no ano passado,

foi um adendo apresentado pela UE ao texto firmado em 2019. Invocando preocupações de ordem ambiental, a nova proposta europeia previa sanções às importações agrícolas sul-americanas como resposta ao descumprimento de metas relacionadas às mudanças climáticas — em especial, a contenção do desmatamento.

Em mais de uma ocasião, no desdobramento de conversas mantidas com Macron, Lula acusou a contraparte de usar o tema do meio ambiente como cortina de fumaça para uma manobra protecionista. Por fim, foi nas estradas e nas ruas da Europa que o clima para o acordo comercial azedou.

Travessia pelo sul

Se a ofensiva diplomática empacou na faixa mais ao norte do Atlântico, a política externa de Lula e do assessor especial Celso Amorim volta a cruzar

o oceano pela porção ao sul. Passado o carnaval, o presidente embarca para o Egito, primeira escala da segunda visita à África no atual mandato. No período 2003-2010, com Amorim como chanceler, Lula esteve no continente pelo menos uma vez a cada ano que passou no Planalto.

No Cairo, um dos assuntos centrais será a guerra de Israel contra o movimento palestino Hamas. O visitante agradecerá ao anfitrião, Abdel Fattah Al-Sisi, pela ajuda do Egito na repatriação de cidadãos brasileiros e parentes radicados em Gaza. Historicamente, o governo do Cairo, um dos ainda poucos no mundo árabe que mantém relações com Israel, tem funcionado como ponte entre o Estado judeu e os palestinos.

Arrastão

Da capital egípcia, a comitiva brasileira seguirá para a Etiópia, onde Lula atenderá a convite para assistir à reunião de cúpula da União Africana. Será uma espécie de sequência da viagem feita no ano passado, para a

cúpula do Brics, na África do Sul. Na ocasião, à parte do convite formal para a adesão de um grupo de países africanos, o bloco emergente recebeu pedidos de ajuda financeira e cooperação, vários deles em análise no Banco do Brics — presidido, atualmente, pela ex-presidente Dilma Rousseff.

Além da África do Sul, os demais três parceiros do país no bloco se movimentam com desenvoltura pelo continente. A China marca sua presença há décadas, financiando ambiciosos projetos de infraestrutura e tomando como garantia reservas de recursos naturais — muito especialmente, minérios estratégicos para a transição energética rumo à economia pós-carbono. Também a Índia exporta capitais, enquanto a Rússia coleciona avanços na cooperação no campo da defesa e segurança, com destaque para o combate a insurreições jihadistas.

O Brasil, que décadas atrás conquistava espaços por meio das grandes empreiteiras, sonda oportunidades para recuperar ao menos parte do terreno perdido nos últimos anos.